Caderno Virtual de Turismo
ISSN 1677 6976 | www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno

ARTIGO ORIGINAL

Análise da oferta do turismo de aventura na Costa do Cacau/Bahia

Analysis of the offer of adventure tourism in Coast Cocoa/Bahia

Análisis de la oferta de turismo de aventura en Costa de Cacao/Bahia

Alexander Klein Tahara ‹alexipatinga@yahoo.com›

Docente do Curso de Educação Física da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Ilhéus/BA, Brasil. Mestre em Pedagogia da Motricidade Humana pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2004).

Sandro Carnicelli Filho ‹sandro_unesp@yahoo.com.br›

Professor em Eventos e Turismo da University of the West of Scotland. Doutor em Filosofia (PhD) pelo Departamento de Turismo da University of Otago, Nova Zelândia.

CRONOLOGIA DO PROCESSO EDITORIAL

Recebimento do artigo: 18-out-2011
Aceite: 21-jul-2012

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

TAHARA, A. K.; CARNICELLI-FILHO, S. Análise da oferta do turismo de aventura na Costa do Cacau/Bahia. **Caderno Virtual de Turismo**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p.198-211, ago. 2012.

REALIZAÇÃO

APOIO INSTITUCIONAL

PATROCÍNIO

Resumo: O objetivo desta pesquisa qualitativa foi verificar a oferta e o mercado do turismo de aventura na Costa do Cacau/Bahia. Foi utilizado uma entrevista semi estruturada, sendo a população alvo composta por 15 proprietários das agências (9 agências receptivas e 6 agências operadoras) que oferecem as atividades de aventura, nas cidades que compõem a Costa do Cacau/BA. Os dados coletados mostram que o *trekking*, o *rafting*, o arvorismo e os passeios de *off-road* são as atividades mais oferecidas pelas agências, enquanto o *rafting* e o arvorismo são aquelas mais procuradas pelos clientes que optam pelos seus serviços. Em relação à capacitação dos proprietários, bem como dos guias e monitores que auxiliam nas atividades, apenas as agências operadoras preocupam-se com tal fato, embora a periodicidade de participação em cursos e palestras, em geral, parece ser baixa. Quanto aos primeiros socorros, parecem ser poucas as agências bem preparadas caso haja a necessidade de se utilizá-los. Por fim, parece haver uma certa valorização da comunidade local, pelo fato de todas as agências operadoras utilizarem como mão de obra os indivíduos nascidos na própria cidade onde acontece as vivências.

Palavras-chave: Turismo de aventura; Agências; Costa do Cacau.

Abstract: The aim of this qualitative research was to verify the Coast Cocoa/Bahia/Brazil adventure tourism market and its operators. Methodologically this research used semi-strutured interviews with 15 owners of adventure tourism agencies (9 retailer agencies and 6 activities operators) based in the cities of the Coast Cocoa. Data shows *trekking*, White-water rafting, high ropes circuits and off-road trips as the main activities offered by agents in the region. While white-water rafting and the high ropes circuits are the activities attracting the highest number of clients. In terms of Professional qualification data indicates that just operators are worried about training their employees and guides, while retailers do not have this aspect as their priority. First aid training is also an issue and just few operators seew to be updated and ready to deal with accidents. Finally, data indicates the participation of local community in the development of adventure tourism businesses in the Coast Cocoa.

Keywords: Adventure tourism; Agencies; Coast Cocoa.

Resumen: El propósito de este estudio cualitativo fue el de verificar la oferta y el mercado del turismo de aventura en Costa de Cacao / Bahia / Brasil. Se utilizó una encuesta semi-estructurada, con 15 propietarios de agencias (9 sucursales y seis agencias de operadores receptivos) que ofrecen actividades de aventura en las ciudades que conforman la Costa de Cacao. Los datos recogidos muestran que el *trekking*, *rafting*, canopy tours y actividades *off-road* son ofrecidos por la mayoría de las agencias, mientras que el *rafting* y el canopy son los más solicitados por los clientes que optan por sus servicios. Cuando se habla de la formación de los propietarios, así como monitores y guías que ayudan en las actividades, sólo las agencias se preocupan son este hecho, aunque la frecuencia de la participación en cursos y conferencias, en general, parece ser bajo. En relación a los primeros auxilios, muchas agencias parecen estar bien preparadas caso haya necesidad de uso. Por último, parece existir una cierta apreciación de la comunidad local, ya que todas las agencias, emplean personas nacidas en la ciudad turística.

Palavras clave: Turismo de Aventura; Agencias; Costa de Cacao.

Introdução

Ainda que as modalidades de atividades de aventura não sejam novas práticas em essência, as mesmas estão sendo sistematizadas no campo do lazer e do turismo há bem pouco tempo. Tal fato faz gerar um olhar mais aguçado no âmbito acadêmico, em função da significativa demanda pela vivência destas experiências em diferentes locais do território nacional.

Alguns cursos, no Brasil, de graduação em Turismo e em Educação Física têm começado a implantar em suas grades curriculares conteúdos referentes às atividades de aventura. As mesmas também vêm galgando um espaço de maior visibilidade em eventos científicos das áreas, como é o caso do Congresso Brasileiro de Atividades de Aventura (CBAA), bem como em periódicos especializados pode-se perceber o crescente número de publicações abordando o turismo de aventura.

Alguns autores apresentam suas propostas de conceituação do tema, entre eles Uvinha (2005, p.271), para o qual "turismo de aventura é um segmento em que se pode verificar uma relação oferta/demanda característica, aproximada com a prática dos ditos esportes de aventura...", bem como Pimentel (2009) que aborda que há diferenças entre os esportes de aventura e o turismo de aventura, embora ambos aconteçam no mesmo ambiente e com uso, basicamente, da mesma tecnologia. No caso do esporte, o indivíduo treina e pratica com regularidade e muitas vezes de forma autônoma, sendo que no âmbito do turismo, mesmo sem conhecer as técnicas básicas, basta pagar uma determinada quantia financeira a uma agência operadora e experimentar a vivência.

O fato é que estas atividades tomam vulto no contexto do lazer atual, traduzindo-se em um campo rentável para a indústria do turismo de aventura. Estas práticas requerem um aparato tecnológico, bem como um envolvimento aprimorado de pessoas tecnicamente capazes de propiciar a aventura desejada pelo cliente, em condições de plena segurança em muitos locais do Brasil e do mundo afora, onde elas se desenvolvem veementemente.

Nessa questão referente à importância do ambiente, Seabra (2003) e Barros (2000) enfatizam que o território nacional vem sendo assediado por um expressivo número de turistas em busca do desfrute da diversidade de biomas e da biodiversidade de fauna e flora, características estas capazes de influenciar o deslocamento das pessoas para estas áreas com o propósito de praticar determinada atividade de aventura. Dentre os variados locais do Brasil propícios à prática pode-se citar Brotas/SP, Bonito/MS, Florianópolis/SC, Chapada dos Veadeiros/MT, Socorro/SP, entre outros, inclusive algumas localidades do estado da Bahia, como a área territorial que compreende o Pólo Ecoturístico da Costa do Cacau.

O Projeto "Pólos de Desenvolvimento do Ecoturismo no Brasil", realizado pela Embratur e pelo Instituto de Ecoturismo do Brasil (IEB), identificou características, potencialidades e condições de infra-estrutura nos locais onde o ecoturismo se apresentava como nova alternativa econômica de desenvolvimento. Para tanto, foram visitados 26 Estados brasileiros e, como resultado desta investigação foram identificados 96 pólos, entre eles a Costa do Cacau/BA (com código de identificação BA-5) (COSTA, 2002).

Em virtude dessa riqueza de localidades propícias à prática do turismo de aventura, torna-se bastante perceptível a visualização do crescimento, em nível nacional, do número de agências especializadas em oferecer estas atividades, inclusive, tal fato não sendo diferente na faixa litorânea alvo da pesquisa. Estas empresas iniciam suas atividades, geralmente, apoiando-se no potencial geográfico de alguns locais, os quais, ricos em relevos diversificados, cavernas, cachoeiras e rios, favorecem o desenvolvimento de estratégias de ação para implementar a oferta de oportunidades práticas.

As agências promotoras de tais experiências estão crescendo em número e sofisticação e, em geral, acabam por proporcionar certo desenvolvimento às regiões envolvidas e consideradas como pólos ecoturísticos, já que oferecem novos empregos e fonte de renda para a cidade (SCHWARTZ e CARNICELLI FILHO, 2006). Os autores enfocam, ainda, que o mercado é promissor e as diversas empresas iniciam suas atividades sem qualquer controle sobre a qualidade dos serviços prestados, o que tem alimentado ultimamente a mídia na divulgação de acidentes causados por negligência ou despreparo humano para lidar com as exigências de segurança nas atividades.

Convém salientar que, por agências receptivas, entende-se que os serviços prestados por tais estabelecimentos incluem a organização e a execução de itinerários locais, o que inclui desde roteiros genéricos de visita à cidade (city tour), roteiros de visita a determinadas regiões locais ou excursões a localidades e atrativos próximos (MAMEDE, 2003), enquanto por agências operadoras entende-se que são aquelas que efetivamente irão possibilitar ao indivíduo a vivência de uma atividade de aventura, operando os equipamentos e técnicas de segurança relacionadas ao tipo de modalidade praticada.

Desta forma, fica bastante nítida a importância e responsabilidade dessas agências promotoras em favorecer o contato inicial de determinadas pessoas e adeptos em geral com as atividades de aventura, sempre de uma maneira segura e com infra-estrutura adequada aos clientes. Este foi o propósito deste estudo, no sentido de analisar a oferta e o mercado do turismo de aventura na Costa do Cacau/BA, esperando que os resultados apresentados nesta pesquisa possam gerar informações para o desenvolvimento de futuros projetos e ações sustentáveis que possam colaborar para o desenvolvimento regional com qualidade.

Material e método

Natureza da pesquisa

O presente estudo teve uma abordagem de natureza qualitativa, onde em um primeiro momento foi realizado uma pesquisa bibliográfica em diversas fontes, tais como livros, artigos e bases eletrônicas de dados, com o intuito de compreender assuntos e termos relacionados à temática da pesquisa. Em outro momento foi feito uma pesquisa exploratória, por meio da qual se pode penetrar diretamente no universo pesquisado, favorecendo um maior conhecimento da situação, conforme evidencia Richardson (1999).

Instrumento

Como instrumento para a coleta dos dados foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, sendo que, inicialmente, foi elaborada uma entrevista piloto, a qual foi apresentada a dois juízes, especialistas na área em questão, para proceder-se à validação do instrumento a fim de verificar se atendem ou não às expectativas da pesquisa. De posse dos resultados desta análise, as principais questões evidenciadas por eles como as que melhor auxiliariam a se atingir o objetivo proposto foram selecionadas para fazerem parte, então, do instrumento definitivo, o qual foi aplicado pessoalmente pelo pesquisador aos sujeitos do estudo.

A entrevista semi-estruturada, segundo Dencker (2002) tem algumas vantagens, pois permite explorar questões em que existem poucos dados ou informações disponíveis, permitindo ao entrevistado verbalizar livremente sobre o assunto expondo emoções. Outro aspecto favorável a este tipo de pesquisa e o fato de poder aparecer no seu decorrer alguma informação que não consta no roteiro de entrevista, permitindo ao pesquisador adicionar outros questionamentos que venham contribuir com o objeto da pesquisa.

Participantes

A população alvo do estudo foi composta por 15 proprietários das agências (9 agências receptivas e 6 agências operadoras) que oferecem as atividades de aventura, nas cidades que compõem a Costa do Cacau/BA (Canaveiras, Santa Luzia, Una, Ilhéus, Uruçuca, Itacaré). Em relação ao gênero, doze indivíduos eram homens e apenas três mulheres, todos na faixa-etária variando entre 31 e 57 anos.

Em relação à definição da amostra, convém salientar que o total de 15 agências deveu-se ao fato de que alguns outros proprietários não quiseram participar da referida pesquisa, alegando motivos pessoais desde a falta de tempo pra responder a entrevista, bem como a ausência em dias/locais combinados para a fase de coleta dos dados. Porém, pode-se afirmar que a grande maioria das agências e empresas catalogadas nas Secretarias de Turismo das cidades que compõe a Costa do Cacau/BA participou da pesquisa.

Procedimentos

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UESC, conforme Parecer Consubstanciado n.256 e Protocolo n.165/08, sendo que tanto a pesquisa bibliográfica quanto a pesquisa exploratória foram desenvolvidas nos dois anos seguintes. Para dar início à pesquisa exploratória o pesquisador entrou em contato via telefone com as agências e empresas que viabilizam as atividades de aventura situadas nas cidades que compõem a Costa do Cacau, no Estado da Bahia, explicando os reais intentos da pesquisa.

No dia da coleta dos dados, os sujeitos foram inquiridos acerca da possibilidade de participação no estudo, recebendo as informações necessárias e, com base na anuência dos mesmos, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Após a assinatura do referido termo, os participantes responderam às questões da entrevista semi-estruturada. É importante frisar que todas as entrevistas foram feitas nas próprias agências/empresas e em companhia dos proprietários das mesmas. No início da entrevista foram evidenciados alguns dados pessoais dos participantes, tais como idade, sexo e local de procedência e, posteriormente, foram apresentadas as questões propriamente ditas.

Análise dos Dados

Os dados coletados foram analisados descritivamente, por meio da técnica de Análise de Conteúdo Temático, que favoreceu a visualização apenas dos conceitos mais relevantes presentes nas falas dos sujeitos. A Análise de Conteúdo Temático é um instrumento que permite a descrição, a análise, a compreensão e a classificação dos processos vivenciados, conforme evidencia Richardson (1999), assimilando o que é efetivamente relevante para o estudo em questão.

Complementando esta análise descritiva, as informações e dados coletados foram apresentados por freqüência ou tabulação, no sentido de simplificar a interpretação e entendimento dos mesmos.

Resultados e discussão

Os resultados desta pesquisa evidenciaram que as agências onde foram realizadas as entrevistas começaram a operar entre 1998 e 2006, sendo que 03 agências funcionam há mais de dez anos, 04 atendem clientes entre 6 e 7 anos, 05 empresas atuam entre 4 e 5 anos e 03 funcionam há 3 anos. Das empresas participantes desta pesquisa apenas 02 são afiliadas à Associação Brasileira de Ecoturismo e Empresas de Turismo de Aventura (ABETA) e 01 agência está em processo de certificação, porém as demais não possuem tal identificação com a principal associação representante das agências de turismo de aventura no Brasil.

Uvinha (2009) esclarece que embora ainda haja muitos conflitos sobre a legitimidade (ou não) da interferência da ABETA na prática da atividade de aventura no Brasil, foi a partir da criação desta Associação que acentuaram os debates sobre Certificação e Normalização das atividades no setor e com correlação com os órgãos públicos, privados e do terceiro setor.

Quanto à formação profissional do responsável pela agência e demais funcionários envolvidos, percebem-se uma diversidade de formações dos gestores. O curso de Biologia foi citado por 02 proprietários, 01 citou Administração de Empresas, bem como 01 era da Educação Física, 01 pertencia à Engenharia Florestal e 01 explicitou o curso de Direito. Os demais 09 responsáveis pelas agências possuem o segundo grau (Ensino Médio) completo e, quanto aos funcionários envolvidos, nenhum deles possui algum Curso Superior.

Em relação às atividades de aventura oferecidas pelas agências, percebe-se uma grande variedade de opções para aqueles que desejam fazer turismo pela Costa do Cacau, conforme ilustra a Tabela 01.

Tabela 01. Atividades de aventura oferecidas pelas agências

Respostas	Número de Respostas (n=)
Trekking	8
Rafting	7
Arvorismo	6
Passeios de off-road	6
Tirolesa	6
Rappel	5
Mergulho	3
Parapente	3
Canoagem	3
Caving	2

Convém salientar que todas as agências citaram mais de uma opção de atividade, sendo que aquelas de cunho receptivas também oferecem determinadas atividades, embora seja para as operadoras realmente executarem as ações propriamente ditas. No caso da tabela 01, foram computadas também todas as atividades citadas pelas agências receptivas, mesmo não sendo elas que operam as vivências.

Ademais, cabe salientar que poucas agências e empresas recusaram-se a participar da pesquisa, embora ofereçam as mesmas vivências já expostas na tabela anterior. Desta forma, não haveria a incursão de novas atividades, mas apenas possíveis alterações nos valores relacionados ao número de respostas.

O estado da Bahia possui grande variedade de atrativos naturais, alguns com infra-estrutura turística para receber os visitantes e adequados à prática de várias atividades de aventura. No caso da Costa do Cacau - faixa litorânea que se estende por quase 200 km no litoral sul do estado, entre os municípios de Canavieiras e Itacaré - há muitas opções para as referidas práticas (BAHIA, 2000). Na Tabela 02, podem-se identificar as preferências dos clientes que procuram pelos serviços das agências locais.

Tabela 02. Atividades de Aventura mais procuradas pelos Clientes

Respostas	**Número de Respostas (n=)**
Rafting	7
Arvorismo	6
Tirolesa	6
Caving	5
Passeios de off-road	4
Trekking	4
Rappel	4
Canoagem	3
Mergulho	2
Parapente	2

De acordo com a Revista Aventura e Ação (2008), o *rafting* realizado em Taboquinhas, distrito da cidade de Itacaré, está catalogado entre os 10 melhores do país, com cânions que favorecem a formação de ótimas corredeiras entre paredões, o que faz o percurso ter classes III e IV.

No caso do arvorismo, o circuito que se encontra em Itacaré torna-se uma atração pelas inúmeras árvores da Mata Atlântica que formam o percurso, sendo um dos mais belos circuitos de Arvorismo do Brasil, além da grande metragem que totaliza aproximadamente 800 metros de tirolesas a 50 metros de altura (GUIA DA COSTA DO CACAU, 2008).

Além destas possibilidades descritas acima, a Costa do Cacau/BA apresenta outras maneiras de realizar o turismo de aventura, como fazer *trekking* com o propósito de educação ambiental na trilha interpretativa Alto da Esperança - Vila Camboinha, próximo a Itacaré/BA; participar de uma canoagem ou vela/iatismo pela extensa baía do Pontal em Ilhéus/BA; visitar o Ecoparque de Una/

BA e andar a mais de 20 metros de altura por uma passarela suspensa na copa das árvores, onde se observa a Mata Atlântica, com sua diversificada fauna e flora; em Santa Luzia/BA conhecer o Parque Ecoturístico do Lapão, o qual abriga a Gruta do Lapão, onde é possível aventurar-se em um caving (ou espeleologia) em uma caminhada de mais de 500 metros dentro das cavernas, encontrando aspectos geológicos peculiares; entre outros locais propícios que permitem um convite à aventura em contato com a natureza, seja com finalidades ligadas aos momentos de lazer, ao esporte ou fins pedagógicos e educacionais.

Em relação à participação em cursos e palestras de capacitação, por parte dos proprietários e guias que auxiliam nas atividades, percebe-se que as agências deveriam ter uma periodicidade maior e extensiva a todos os estabelecimentos, como ilustram as tabelas 03 e 04.

Tabela 03. Participação de Proprietários das Agências e Guias em Cursos de Capacitação

Respostas	Número de Respostas (n=)
Agências Operadoras	6
Agências Receptivas	2
Demais Agências Receptivas	0

Tabela 04. Periodicidade de Participação de Proprietários e Guias em Cursos de Capacitação

Respostas	Número de Respostas (n=)
Uma vez ao ano	5 agências operadoras
Uma vez por semestre	1 agência operadora
Uma vez a cada 2 anos	2 agências receptivas

A empresa que planeja e executa as atividades de aventura, de acordo com Munhoz (2006), devem levar em consideração alguns aspectos importantes, tais como a capacitação dos guias, os equipamentos, o enfoque educativo, entre outros, para que a atividade atenda às expectativas dos participantes e consiga alcançar as exigências de segurança e qualidade prestadas.

Em função do número crescente de adeptos das modalidades de aventura na natureza, muitas inquietações se fazem presentes, em relação à maneira como as empresas vêm se apropriando destas práticas, ou mesmo, no que concerne à formação e à preparação dos profissionais que atuam diretamente neste setor, em relação à implementação do quesito segurança, gerando o interesse em estudos futuros de se buscar compreender este universo que envolve a atuação fidedigna do profissional neste processo (SCHWARTZ e CARNICELLI FILHO, 2006).

Os depoimentos de dois participantes da pesquisa contrastam bem essa questão referente à periodicidade em cursos de capacitação:

S3: "... e acredito que tenho mesmo que ir e também mandar meus funcionários pelo menos uma vez ao ano, mesmo porque pode ser que alguma técnica ou manuseio de um equipamento novo tenha surgido do ano passado para cá."
S8: "... não preciso me atualizar sempre em relação aos materiais e maneiras corretas ou erradas de se fazer uma atividade de aventura, pelo fato de ser uma agência que apenas leva os clientes até uma operadora e esta agência é que irá realizar propriamente dito a atividade radical..."

Nota-se que 07 das agências receptivas não se preocupam com a capacitação de seus funcionários, apenas mencionando que quando há a necessidade, elas o fazem. Pensando-se na relação que é estabelecida entre os clientes e os monitores e/ou guias, imagina-se que os mesmos devem conseguir explicar e informar quaisquer dúvidas que possam surgir no momento de vivência da aventura.

Tendo em vista que a comunicação oral e a demonstração prática são os principais elementos para o ensino das técnicas das atividades de aventura e segurança, e que o principal público é o de adultos, torna-se necessário, conforme salientam Bordenave e Pereira (1991), que os instrutores, para melhorarem os níveis de aprendizagem cognitiva, busquem ativar o envolvimento dos alunos, por meio de estimulação adequada da atenção, do interesse e da percepção, utilizando instalações e ambientes propícios, calculando as necessidades de tempo e tendo o foco sempre centrado nos objetivos educacionais.

Esses pontos, segundo Bordenave e Pereira (1991), convergem em um planejamento do ensino em bases pedagógicas. Dessa forma, antes do início da aventura, preza-se que a explicação seja tanto de ordem verbal, quanto demonstrativa, aumentando, assim, a segurança para a atividade e a minimização dos riscos concernentes.

Sousa (2004), a este respeito, classifica a participação e a conduta emocional do guia como facilitador na decodificação das informações fornecidas pelo ambiente, tornando-se um animador sociocultural-ecológico, cuja presença dentro do bote, por exemplo no *rafting*, ameniza o medo da morte que paira no contexto das atividades de aventura.

Diante do exposto acima e, no caso de emergência com o propósito de utilizar os Primeiros Socorros, percebe-se que este serviço deveria ser unânime e comum a todas as agências, sejam operadoras ou receptivas, embora os resultados não demonstrem isso, conforme a Tabela 05.

Tabela 05. Necessidade de utilização dos Primeiros Socorros

Respostas	**Número de Respostas (n=)**
Bem preparada para atender os clientes	3 agências operadoras
Consegue atender, mas com mínimas condições	3 agências operadoras
Não tem tal serviço como prioritário	9 agências receptivas

Um depoimento chama a atenção no que tange à utilização dos primeiros socorros:

S9: "Entendo que por eu ser uma agência receptiva, dificilmente terei problemas com isso (os primeiros socorros), pois apenas tenho que levar e trazer as pessoas de van até o local de prática. Tenho é que levar meus clientes em boas agências operadoras e que estes clientes saiam felizes. Assim, com certeza, irei vender mais pacotes numa próxima ocasião..."

Atesta-se neste depoimento uma preocupação exacerbada com a valorização econômica que a agência pode ter caso faça seu cliente feliz com a vivência. Mas será que nenhum imprevisto pode acontecer mesmo tal agência sendo receptiva? Será que os guias receptivos não podem deparar-se com um indivíduo que machucou a mão ou o pé, por exemplo, ao tentar subir na van?

Assim, verifica-se que a necessidade de utilização dos primeiros socorros pode acontecer em qualquer momento e, desta forma, acredita-se que mesmo as agências receptivas, por trabalhar com seres humanos enquanto clientes deveriam possuir tais serviços de urgência com totais condições de uso caso seja necessário em determinada ocasião.

Pimentel (2009), ao comentar sobre o turismo de aventura, explicita que pela abertura de mercado e descontrole na qualidade da oferta de serviços, houve muitos acidentes e mortes e, por isso, há a tentativa de padronizar procedimentos e normas para o setor. Assim, as agências ligadas à aventura devem se adequar da melhor forma possível, a fim de minimizar ou evitar determinadas situações que podem trazer danos aos seus clientes e à imagem da própria empresa.

Tão importante como o estabelecimento de normas, salienta Uvinha (2009), entende-se que seja igualmente importante concretizá-las de fato na prática comercial do turismo de aventura. Os empresários devem ser convencidos da importância da prática segura para a efetivação do seu próprio negócio e os consumidores em geral possam ter poder de decisão sobre a escolha de uma agência promotora que preza pela qualidade de serviços e itens de segurança na minimização do risco, a fim de vivenciarem a aventura de forma mais tranqüila e prazerosa possível.

No que se refere à comunidade local, atesta-se que há uma pequena utilização da mesma como mão-de-obra para a prestação dos serviços, embora seja necessário oportunizar aos demais moradores um envolvimento ainda mais recorrente, conforme demonstra a Tabela 06.

Tabela 06. Utilização da Comunidade Local nos Serviços Prestados

Respostas	Número de Respostas (n=)
Como guias e monitores	6 agências operadoras
Cargos de faxineira e segurança	3 agências receptivas
Motorista das Vans e Ônibus	2 agências receptivas
Não utilização	4 agências receptivas

Acerca dos guias e monitores, Mamede (2003) destaca seu relevante papel, no sentido de ser uma espécie de representante da agência receptiva ou operadora, muitas vezes se apresentando como ponto de apoio para os clientes. Defende, ainda, que tal ponto de apoio é uma obrigação das empresas turísticas, pelo fato das pessoas circularem em locais e culturas estranhas.

Lombardo e Casella (2002) esclarecem que é preciso engajar a comunidade local verdadeiramente em projetos e demais ações ligadas às atividades ligadas ao turismo aventura e ecoturismo, com o propósito de envolvê-la cada vez mais nas ações que acontecem em suas respectivas comunidades, para que não haja problemas maiores relacionados aos desgastes ambientais constantes onde acontece uma exploração maciça de áreas naturais.

Como proposta para a região alvo da pesquisa, sugere-se que alguns programas e cursos de capacitação possam acontecer, no sentido de disseminar iniciativas que visam colaborar para a difusão de novas perspectivas profissionais à comunidade local, bem como gerar um compromisso ético e conservacionista relacionado às áreas culturais e naturais da Costa do Cacau/BA.

Acerca do comentado acima, pode-se perceber a relativa importância de atrelar a Educação Ambiental aos serviços prestados pelas agências e empresas, conforme ilustra a tabela 07.

Tabela 07. Relação "Educação Ambiental X Serviços Prestados"

Respostas	Número de Respostas (n=)
Aborda-se superficialmente o assunto, não é o enfoque principal.	5 agências operadoras e 5 agências receptivas
Educação Ambiental como premissa básica	1 agência operadora
Não há preocupação com este assunto	4 agências receptivas

Seguindo a lógica mercantil, no ecoturismo e no turismo de aventura, muitas vezes, depara-se com atividades nem sempre comprometidas e que atendam às suas potencialidades, uma vez que a questão econômica imediatista sobrepõe-se aos aspectos ambientais, culturais e sociais, os quais devem ser prementes ao se pensar em um modelo ecoturístico e que preza uma relação qualitativa entre homem-natureza. Para Mikhailova e Mulbeier (2008), em seus estudos analisando o caso do Parque Estadual do Turvo, em Derrubadas/RS, há a percepção de que as informações transmitidas aos visitantes se limitam apenas a sugerir comportamentos que possam gerar mínimos impactos ao meio ambiente, não havendo informações com um maior conteúdo educativo que possam induzir o visitante a interagir mais qualitativamente com o meio ambiente visitado.

Com relação ao número de participantes, é importante pensar em não acarretar um risco ao grupo e que não cause um impacto ambiental elevado. Com relação a este fator, muitas empresas de ecoturismo e turismo de aventura desrespeitam o número máximo de participantes, visando aumentar o lucro e baratear o produto (MUNHOZ, 2006). Salienta, ainda, a autora que alguns parques nacionais têm um controle e manejo adequado, como por exemplo, o Parque Estadual Turístico do Vale da Ribeira (PETAR), localizado no sul do estado de São Paulo, em que atualmente é limitado o número de dez participantes por guia nas visitas às suas cavernas. Outros parques, como o da Serra do Cipó, localizado no estado de Minas Gerais, têm estabelecido um número máximo de visitantes por dia, não podendo exceder esta quantidade imposta e controlada. Entretanto, muitas vezes, as áreas naturais não têm qualquer tipo de controle sobre o número de usuários, ou ainda, este existe teoricamente, porém não é efetivamente considerado na prática.

Uma forma de minimizar o impacto do turista é promover nestas áreas visitadas o turismo sustentável, que prevê a participação das comunidades envolvidas na conservação do meio ambiente e na divisão dos lucros; além de contar com a colaboração das companhias de viagens e de turismo no gerenciamento dos recursos naturais locais e envolver clientes e comunidade com as questões ligadas ao meio ambiente natural (IRVING, 1998).

Em pesquisas preliminares, Cotes e Morel (2003) analisaram as potencialidades do ecoturismo na Costa do Cacau e, como conclusões desse estudo, citam a necessidade premente de rever prioridades para esta região, entre as mais urgentes estão a normatização das atividades de aventura com instrutores e guias capacitados, o estímulo ao desenvolvimento de projetos de reciclagem e de educação ambiental, a conscientização das comunidades locais para a importância da indústria do ecoturismo e os benefícios que ela poderá desencadear.

Assim, devido à importância desse contato dos seres humanos com o meio natural, torna-se premente que as agências especializadas em turismo de aventura ofereçam seus serviços com muita

segurança e qualidade aos turistas e adeptos em geral, bem como atentar para um perfil de sustentabilidade nestas ações propostas com enfoque para uma educação ambiental.

Dutra et al. (2008) enfatizaram seus estudos no Parque Estadual do Jalapão, em Tocantins, e concluíram que tal região é caracterizada pelo turismo de aventura em duas vertentes definidas: se aliado ao ecoturismo pode trazer muitos benefícios ao Parque e às comunidades locais, com mínimos impactos ambientais. Porém, se este turismo almejar somente a vivência de aventura por si só, sem comprometimento e interesse com aspectos naturais e sociais da localidade, pode causar danos e deterioração da atividade turística na área.

De qualquer forma, é inegável a perspectiva educacional e de conscientização para a educação ambiental que o turismo de aventura pode promover nos clientes e comunidade local, tornando-se um novo desafio para estudiosos em todas as áreas, inclusive no que concerne ao turismo, à motricidade humana e ao lazer, evidenciando-se a possibilidade de incorporação de estilos ativos, porém conscientes e compromissados. Contudo, neste momento inicial, são as empresas que viabilizam tais práticas é que devem sempre incutir no seu produto enfoques ligados a uma educação ambiental agregada em ações que não deteriorem o ecossistema local escolhido para praticar e/ou vivenciar determinada atividade ligada ao meio natural.

Considerações Finais

É justamente nas atividades de turismo de aventura realizadas na Costa do Cacau/BA que o presente estudo centrou atenção. Com base nos resultados da pesquisa exploratória percebe-se que há uma vocação natural desta região como local propício à realização do turismo de aventura, sendo que os dados coletados mostram que o *trekking*, o *rafting*, o arvorismo e os passeios de *off-road* são as atividades mais oferecidas pelas agências, enquanto o *rafting* e o arvorismo são aquelas mais procuradas pelos clientes.

Embora exista esta gama de opções, pode-se notar uma falha no oferecimento de algumas vivências por parte de determinadas empresas, merecendo maior organização e capacitação destas agências que oferecem seus serviços aos clientes, para se garantir que os mesmos se desenvolvam com sucesso garantido.

Em relação à capacitação dos proprietários, bem como dos guias e monitores que auxiliam nas atividades, apenas as agências operadoras preocupam-se com tal fato, embora a periodicidade de participação em cursos e palestras, em geral, parece ser baixa. Quanto aos primeiros socorros, parecem ser poucas as agências bem preparadas caso haja a necessidade de se utilizá-los. Por fim, parece haver uma valorização da comunidade local, pelo fato de todas as agências operadoras utilizarem como mão de obra os indivíduos nascidos na própria cidade onde acontecem as vivências.

A Costa da Cacau/BA é uma região com bastante atrativos turísticos, recebendo anualmente muitos indivíduos de diferentes cidades brasileiras e também de origem estrangeira. Entre tais atrativos, o "segmento aventura" vem recebendo pessoas que desejam aproveitar as riquezas naturais da região e aventurar-se em alguma modalidade que seja operada pelas agências locais. Entretanto, nota-se que infelizmente algumas destas agências ainda não estão totalmente aptas a atender com segurança e infra-estrutura coerentes atreladas aos seus serviços, embora existam outros estabelecimentos que estão muito bem organizados e capacitados para receber turistas que querem experimentar atividades de aventura na região.

É imprescindível que clientes interessados na prática do turismo de aventura realizem um bom planejamento prévio para que a vivência ocorra através de práticas seguras e executadas por operadoras confiáveis. Portanto, o praticante inicial, o adepto regular e o organizador devem observar aspectos de suma importância antes da prática como a escolha do local, da agência operadora e da atividade em si.

Como proposta de planejamento e gestão do Turismo de Aventura na região foco da pesquisa e para que haja um bom desenvolvimento deste segmento turístico é necessário que exista uma permanente articulação entre os diferentes setores, públicos e privados, no sentido de gerar compartilhamento, cooperação e integração das ações e atividades entre todos os atores sociais envolvidos.

Deve haver uma regulamentação da prática, fiscalização mais intensa na infra-estrutura das agências e um aumento de profissionalização do setor, tudo isso a fim de proporcionar uma excelência nos serviços prestados aos clientes que buscam a aventura na Costa do Cacau/BA.

Referências bibliográficas

BAHIA. SECRETARIA DA CULTURA E TURISMO. SUPERINTENDÊNCIA DE DESENVOLVIMENTO DO TURISMO. Roteiros Ecoturísticos da Bahia: Costa do Cacau. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, 2000.

BARROS, M. I. A. Outdoor education: uma alternativa para a educação ambiental através do turismo de aventura. In: SERRANO C. (Org.) A Educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental. São Paulo: Chromos, 2000. p.85-110.

BORDENAVE, J. D.; PEREIRA, A. M. Estratégias de ensino-aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1991

COSTA, P. C. Ecoturismo. São Paulo: Aleph, 2002.

COTES, M.; MOREL, M. Ecoturismo e suas Potencialidades na Costa do Cacau. In: Anais do VII Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Ilhéus: Editus, 2003.

DENCKER, A. F. M. Métodos e técnicas de pesquisa em turismo. 6 ed. São Paulo: Futura, 2002.

DUTRA, V. C.; SENNA, M. L. G. S.; FERREIRA, M. N.; ADORNO, L. F. M. Caracterização do perfil e da qualidade da experiência dos visitantes no Parque Estadual do Jalapão, Tocantins. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p. 104-117, 2008. Disponível em: http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/. Acesso em: 13 jun. 2012.

GUIA DA COSTA DO CACAU. Roteiros de Itacaré. Guia da Costa do Cacau. 1. ed., 2008.

IRVING, M. Turismo e ética: premissa de um novo paradigma. Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro, v.50, n.4, 1998. p.58-67.

LOMBARDO, M. A.; CASELLA, L. L. C. Turismo Ambiental: o caso de Bombinhas (SC). In: RODRIGUES, A. B. (Org.). Turismo e ambiente: reflexões e propostas. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 89-97.

MAMEDE, G. Agências, Viagens e Excursões: regras jurídicas, problemas e soluções. Barueri: Manole, 2003.

MIKHAILOVA, I.; MULBEIER, J. Ecoturismo em unidades de conservação: um estudo de caso do Parque Estadual do Turvo, Derrubadas – RS. Caderno Virtual de Turismo, Rio de Janeiro, v.8, n.3, p. 01-21, 2008. Disponível em: http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/ojs/. Acesso em: 25 mar. 2011.

MUNHOZ, J. F. Aspectos organizacionais e as atividades físicas de aventura na natureza. In: SCHWARTZ, G. M. (Org.) Aventuras na Natureza: consolidando significados. Jundiaí: Fontoura, 2006. p.197-208.

PIMENTEL, G. G. A. Atuação Profissional em Recreação na Natureza. In: MARINHO, A.; UVINHA, R. R. (Org.) Lazer, Esporte, Turismo e Aventura: a natureza em foco. Campinas: Alínea, 2009. p. 169-197.

REVISTA AVENTURA E AÇÃO. 10 roteiros selecionados de Rafting. Revista Aventura e Ação, n.148, p.104-111, 2008.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SCHWARTZ, G. M.; CARNICELLI FILHO, S. (Desin) Formação profissional e atividades de aventura: focalizando os guias de "Rafting". Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v.20, n.2, p.103-09, 2006.

SEABRA, L. Monitoramento participativo do turismo desejável: uma proposta metodológica preliminar. In: MARINHO, A.; BRUHNS, H. T. (Org.) Turismo, Lazer e Natureza. São Paulo: Manole, 2003. p.101-129

SOUSA, F .R. O imaginário no rafting: uma busca pelos sentidos da aventura, do risco e da vertigem. 2004. 212f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2004.

UVINHA, R. R. Tendências para o Turismo de Aventura no Cenário Nacional. In: UVINHA, R. R. (Org.) Turismo de Aventura: reflexões e tendências. São Paulo: Aleph, 2005. p. 269-300.

UVINHA, R. R. Turismo de Aventura: elementos para uma abordagem acadêmica e profissional. In: MARINHO, A.; UVINHA, R. R. (Org.) Lazer, Esporte, Turismo e Aventura: a natureza em foco. Campinas: Alínea, 2009. p. 245-264.